

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE043665

FARJALLAT, Célia Siqueira. A semana santa naqueles tempos.
Correio Popular, Campinas, 06 abr., 1977.

A Semana Santa

6
4
77

o meio Popular naqueles tempos

C. Siqueira FARJALLAT

Foi profunda a influência da religião nos hábitos de nossos antepassados. Toda a rudeza do antigo homem de Piratininga, homem de aço, afeito às andanças pelo sertão à cata de bugres e de ouro, suaviza-se bastante ao contato com a religião.

Através dos cronistas sabe-se que a população da Vila de São Paulo participava dos officios divinos. Os "homens bons" compareciam às numerosas procissões, e era hábito da Câmara punir os faltosos com multa e cadeia. Destes rigores não escapou nem um filho de João Ramalho.

Houve outrora, em São Paulo, um sacristão chamado Ponciano Joaquim de Gois, que foi também ourives e cronista, gostando muito de rememorar os antigos usos relativos ao Carmo, à Igreja da Boa Morte, ao Quartel e ao Convento de Santa Teresa.

Dele são as melhores descrições do velho Carmo com seu convento e igreja, e o largo plantado de palmeiras. Solenes missas cantadas, procissões e aparatosas Semanas Santas eram ali celebradas. Mais tarde, já no Segundo Império, toda a nobreza e até o Presidente da Província acompanhavam as procissões, tendo disso ficado curiosos documentos, onde aparecem questões, levantadas pelos ciumes dos Ouvidores, Corregedores e Piores, por causa das procissões dos Passos ou do Enterro.

As ruas eram enfeitadas e varridas, promovia-se a iluminação, punham-se colchas adamasçadas da Índia nas janelas, e o cheiro do incenso e da manjerona perfumavam os ares. As peças oratórias eram arrebatadoras, e o jejum quaesmal rigorosíssimo, talvez, porque houvesse muita piedade.

Na solene procissão dos Passos era costume até 1856 seguir à frente um pregoeiro, chamado Farricôco ou Morte, vestido de preto, tendo à cabeça um capuz que lhe cobria o rosto, deixando dois buracos para os olhos. Levava nas mãos um chicote para escorraçar os moleques que o seguiam, e lhe atiravam pedras. As crianças, ao avistarem este triste personagem, ficavam apavoradas.

A procissão do Enterro era soberba. Iam padres com a cabeça coberta, as Três Marias com seus longos cabelos, a Verônica mostrando o Sudário, além de uma Guarda Romana uniformizada, batendo as lanças no chão. Tais Guardas, tidos como os causadores da morte de Cristo, temiam tanto a arraia-miuda, que após a procissão esgueiravam-se por uma porta lateral da rua da Boa Morte. Esta Guarda Romana era apelidada pelo povo de "os Judeus do Carmo", sendo mal vista pelo povo simples e ignorante.

Na velha Campinas, segundo o saudoso cronista José de Castro Mendes, na Semana Santa, depois do meio dia da Quinta-feira, cessava o tráfego de veículos e eram fechadas as casas de diversões. Na Sexta-feira da Paixão viam-se pelas ruas senhoras e cavalheiros trajando de preto.

Através da obra "Vida Religiosa de Campinas", livro histórico da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da autoria do Prof. João Lourenço Rodrigues e do conhecido e ilustre linhagista e historiador Comendador Teodoro de Sousa Campos Jr., podemos ter uma idéia da pompa das antigas Semanas Santas. A partir de 1847, e talvez antes, esteve esta festa a cargo da Irmandade, e como era tradição que se realizasse com grande esplendor, o cargo de seu Provedor era antes um ônus do que uma honraria. Eram as festas mais dispendiosas dentre todas as do ciclo litúrgico. E todas as despesas recaíam sobre os ombros dos Provedores, apenas auxiliados por algumas esmolas e legados.

Esta mesma Monografia registra o precioso patrimônio artístico da Irmandade, destacando imagens, como as do Senhor Morto, com seu esquite de madeira entalhada; a de Nossa Senhora das Dores; do Senhor dos Passos, de Jesus Crucificado...

A tradição oral guarda os esplendores das antigas Semanas Santas, e até as rivalidades entre as cidades, e o facto curioso de, para homenagear o Imperador D. Pedro II, ter sido realizada em Itu uma esplendorosa Semana Santa, mas... fora de época!

Onde estão as modas de então? As roupas pretas de luto fechado, o falar baixinho, o rigorosíssimo jejum, o denso véu de tristeza descendo sobre a cidade, a alegria barulhenta do Sábado de Aleluia?